

## Perfil dos atletas juniores de handebol das seleções brasileira e sueca

Profile of junior handball athletes from brazilian and swedish teams

Perfil de los atletas juniores de balonmano de Brasil y Suecia

Mariana Zuaneti Martins<sup>I</sup>, Heloisa Helena Baldy dos Reis<sup>II</sup>

### Resumo

Este artigo objetivou comparar o perfil dos atletas juniores do handebol de seleções masculinas do Brasil e da Suécia, buscando compreender os diferentes contextos da modalidade. Para tanto, aplicamos um questionário com questões fechadas para os atletas da categoria Junior da seleção brasileira e sueca, durante o Mundial Junior de Handebol. Nossos resultados indicaram uma diferença na formação desses atletas, considerando o primeiro contato do handebol e a constituição do vínculo federativo, e na existência de remuneração entre atletas. Esses elementos indicam o melhor desenvolvimento da modalidade na Suécia, em relação ao Brasil, no período estudado.

**Palavras-chave:** Handebol; Carreira esportiva; Performance

### Abstract

This article compared the profile of handball junior athletes from Brazil and Sweden, aiming to understand the different contexts of its practice. For this, we applied a questionnaire with closed questions for the Junior category athletes of the Brazilian and Swedish team, during 2003 Men's Junior World Handball Championship. Our results pointed out a difference between the sports career development of athletes of these two selections, in particular, the age of initiation and the beginning of federative competition, and there was difference also in salary gains. These elements indicate a better talent development of handball in Sweden than in Brazil, in the analyzed period.

**Keywords:** Handball; Sports career; Performance

---

<sup>I</sup> Universidade Federal do Espírito Santo – UFES - Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Goiabeiras, Vitória - ES, 29075-910 - e-Mail: [mariana.zuaneti@gmail.com](mailto:mariana.zuaneti@gmail.com)

<sup>II</sup> Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP - e-mail: [heloreis14@gmail.com](mailto:heloreis14@gmail.com)



## Resumen

Este artículo tuvo como objetivo comparar el perfil de los atletas juniores de balonmano de equipos de Brasil y Suecia, tratando de comprender los diferentes contextos de esta práctica deportiva. Para tanto, se aplicó un cuestionario con cuestiones cerradas para los atletas durante el campeonato Mundial Junior de Balonmano de 2003. Nuestros resultados indicaran una diferencia en la formación de estos deportistas, considerando el primer contacto del balonmano y la constitución del vínculo federativo, y la existencia de remuneración entre los deportistas. Estos elementos indican un mejor desarrollo del talento deportivo en Suecia que en Brasil en el período estudiado.

**Palabras-clave:** Balonmano; Carrera deportiva; Rendimiento

## 1 Introdução

A análise da formação e da carreira esportiva é um campo fértil para perceber os elementos predominantes na trajetória de atletas de elite de uma modalidade esportiva. A carreira esportiva é “uma atividade esportiva desenvolvida em muitos anos, escolhida voluntariamente por uma pessoa e voltada para atingir seu pico de performance atlético em uma ou diversas modalidades esportivas” (STAMBULOVA et al., 2009, p. 39). Essa visão considera que a carreira esportiva acontece em diversos estágios: iniciação diversificada; desenvolvimento e especialização; aperfeiçoamento e anos de investimento para a conversão ao alto rendimento; final e anos de manutenção do desempenho; e, por fim, anos de destreinamento e descontinuidade do envolvimento competitivo. Com base nessa discussão, este artigo tematiza a carreira no handebol, enfocando os anos de iniciação, especialização e a transição para o investimento para o alto rendimento.

O Handebol é uma das modalidades esportivas de quadra mais praticadas por crianças e jovens no Brasil (DIESPORTE, 2013; GRECO; ROMERO, 2012). Ele está presente nos diversos âmbitos, seja o escolar, reabilitação, saúde, lazer, rendimento e profissional. Nesse sentido, como esporte culturalmente conhecido no Brasil as pesquisas sobre tal modalidade são fundamentais. Do ponto de vista didático-pedagógico, materiais têm sido produzidos no Brasil que buscam identificar as diferenças entre os níveis de prática, os elementos metodológicos e a sua adequação ao nível de desenvolvimento de crianças e adolescentes (EHRET; OTHERS, 2002; GRECO; ROMERO, 2012; MENEZES et al., 2015). Entretanto, pesquisas sobre a formação dos atletas da modalidade e seus perfis ainda apresentam-se escassas. Tais pesquisas seriam importantes para compreender o impacto das discussões acadêmicas sobre os atletas que estão sendo formados, além de identificar as demandas e contextos dos ambientes profissionais dessas práticas.

Tendo em vista esse cenário, este artigo buscou comparar o perfil dos atletas juniores do handebol de seleções juniores masculina do Brasil e da Suécia, buscando compreender os diferentes contextos de



iniciação e de treinamento. A escolha dessas seleções se deu pelos diferentes resultados apresentados no contexto em que desenvolvemos esta pesquisa, o Mundial Junior de Handebol, realizado em 2003, em Foz do Iguaçu-PR, Brasil. Nessa ocasião, a seleção sueca foi campeã e a brasileira conquistou a 8ª posição.

A realização desta pesquisa na categoria júnior é justificada em função dessa categoria, em âmbito internacional, ser a última antes da categoria adulta, o que nos possibilita um olhar mais apurado ao final desse processo de iniciação, permitindo nos atentar quais são as condições mais promissoras para a profissionalização dos atletas dessa modalidade esportiva. Além disso, essa categoria também é contemplada pelas competições nacionais da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb).

## 2 Método<sup>1</sup>

Este trabalho consistiu numa pesquisa exploratória. Buscamos realizar uma análise descritiva e comparativa dos contextos de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol em diferentes seleções. Para tanto, aplicamos um *survey*, contendo oito questões fechadas, no Mundial de handebol masculino Junior de 2003, realizado no Brasil.

Nossa amostra é composta por toda a população dos atletas das seleções juniores brasileiras e sueca. O total dessa amostra é de 13 atletas brasileiros e 12 atletas suecos. O questionário foi traduzido para o inglês para que fosse respondido pelos atletas da Suécia. Os dados foram analisados de forma descritiva e discutidos à luz da literatura da pedagogia do esporte e do handebol.

A coleta de dados ocorreu durante o Mundial Junior de Handebol Masculino, realizado em Foz do Iguaçu, em 2003. Os jogadores responderam aos formulários entregues pela pesquisadora coordenadora da pesquisa. Como análise de dados, utilizou-se a estatística descritiva, utilizando-se de medidas resumos e Box-plot.

## 3 Resultados e discussão

Do ponto de vista da idade dos participantes, a Tabela 1 apresenta as médias de idade e desvio padrão das duas seleções. Como a comparação é entre seleções juniores, cuja idade máxima é controlada,

<sup>1</sup> Os procedimentos empregados na pesquisa estão de acordo com os princípios éticos norteadores das Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde.



a média de idade entre as seleções praticamente não varia. Entretanto, o cálculo da idade será utilizado para comparar com a média de anos de treinamento que cada equipe possui, conforme se demonstra na Tabela 1.

**Tabela 1** – Idade dos integrantes das Seleções do Brasil e Suécia e quantidade de anos de prática sistemática de handebol

	<b>Idade Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Quantidade média de anos de prática</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mediana</b>
Brasil	19,71	1,16	8,57	2,47	8,5
Suécia	20,33	0,78	11,16	2,48	11,5
			2,59		

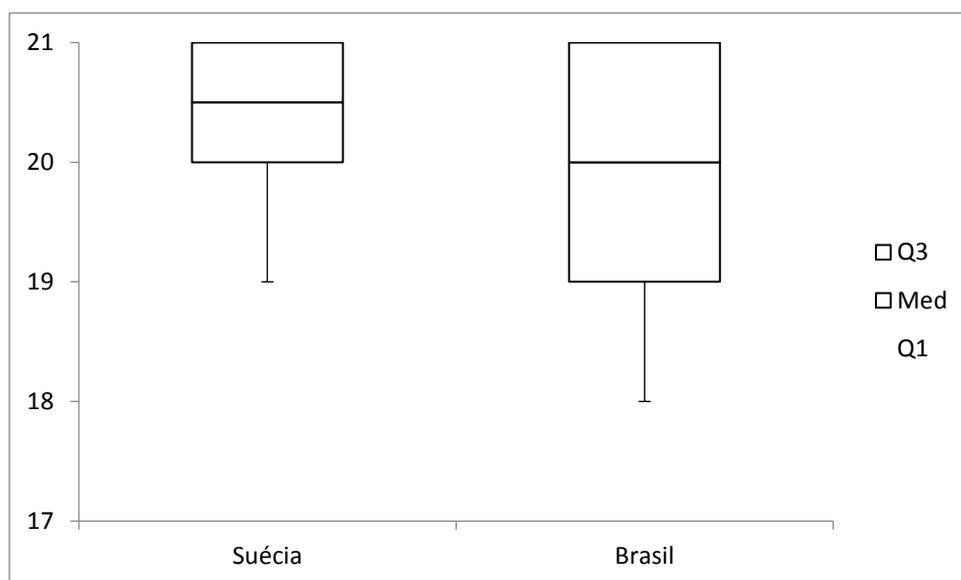
**Fonte:** Autoras

Contudo, comparando a distribuição dos jogadores por quartis de idades, percebemos uma dispersão menor entre os jogadores da Suécia, conforme demonstra a Figura 1. Tal concentração poderia indicar que esses jogadores jogam juntos há mais tempo, uma vez que pertencem à uma faixa etária mais coesa. Além disso, essa pouca dispersão poderia indicar uma influência menor da idade relativa dos atletas. Carli et al.(2009), em estudo sobre as categorias sub 17 e sub 20 no futebol, afirmam que a idade relativa, no caso abordada pelos meses de nascimento, pode influenciar tanto no aspecto maturacional, apresentando características antropométricas e capacidades condicionais (força, velocidade e resistência) que os beneficie, quanto no aspecto cognitivo. Segundo os autores,

Os jovens com maior idade cronológica podem também levar maiores vantagens no aspecto cognitivo, ou seja, o maior tempo de experiência pode proporcionar um maior conhecimento do contexto do jogo, aumentando as chances de maior precisão e velocidade nas decisões acerca das ações motoras e elaboração de estratégias. (CARLI et al., 2009, p. 29).

Esse aspecto pode ser identificado a seguir, quando tratamos do tempo de prática sistemática da modalidade.



**Figura 1** – Gráfico de dispersão das idades entre as seleções de Suécia e Brasil

**Fonte:** Autoras

A tabela em questão já demonstra uma diferença sensível na quantidade de anos de prática do handebol. Na seleção sueca são 11,16 ( $\pm 2,48$ ) anos de prática, enquanto na brasileira, temos 8,57 ( $\pm 2,47$ ), totalizando uma diferença média de 2,59 anos de prática de handebol entre cada seleção. Essa diferença de tempo de prática pode ser interpretada por dois vieses: o primeiro relacionado a uma idade mais agrupada dos jogadores Suecos, e, em segundo lugar, o fato de a iniciação ser mais cedo no handebol na Suécia, como será apresentado na Tabela 2 seguinte.

Se compararmos com outras modalidades esportivas, perceberemos que mesmo no Brasil a idade de início do futebol e futsal é diferente. O estudo de Marques e Samulski (2009) demonstra que a média de idade de início da prática do futebol é de 8,95 ( $\pm 2,77$ ) anos. Ou seja, mais próximo à média de iniciação ao handebol na Suécia (9,17) que no Brasil (11,57). No caso do futsal, o estudo de Santana et al. (2007) demonstra que a idade média de iniciação é 9,44 ( $\pm 3,66$ ) anos. A Tabela 2 indica as idades nas quais os integrantes das seleções começaram a treinar, isto é, a praticar sistematicamente o handebol com o auxílio de um professor ou treinador.

**Tabela 2** – Idade de início de prática sistemática de Handebol

	<b>Idade mínima</b>	<b>Idade máxima</b>	<b>Mediana</b>	<b>Idade média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Brasil	7	15	10,5	11,14	2,5
Suécia	6	12	8,5	9,17	1,86
Diferença	1	3	1,5	1,97	

**Fonte:** Autoras

A idade mínima iniciada, tanto no Brasil quanto na Suécia, é próxima da indicada para o início de treinos específicos na modalidade. Segundo Greco e Benda (1998), a criança deveria iniciar num treino específico de uma modalidade na fase de direção, dos 10 anos em diante. Côtê et al.(2009) defendem que dos modelos possíveis de prática esportiva temos a “iniciação universal” (*earlysampling*) e a “iniciação especializada” (*earlyspecializing*).

Considera-se a iniciação universal o envolvimento das crianças em várias modalidades esportivas, de forma espontânea, o que as possibilitaria um desenvolvimento amplo do ponto de vista físico, cognitivo afetivo e psicológico. Segundo os autores, a participação em vários esportes permite que as crianças experimentem a vivência esportiva de diversos meios, com diferentes colegas e professores. Isso teria como consequência o desenvolvimento de competências emocionais e da autoeficácia, necessárias ao esporte no futuro. Um segundo elemento da prática universal que deve ser valorizado são as atividades lúdicas, que promovem uma motivação intrínseca e favorecem a adesão à prática esportiva em longo prazo (CÔTÉ et al., 2009).

A iniciação especializada é caracterizada por um volume alto de prática sistematizada, em contrapartida a um baixo envolvimento com prática espontânea, focando-se principalmente na performance, desde os seis a sete anos de uma criança. A prática sistematizada é compreendida nesse contexto como direcionada ao desenvolvimento da performance, requerendo seus aspectos físicos e cognitivos e, por isso, possibilitando o desenvolvimento de habilidades. Podem ser prazerosas, mas também são motivadas extrinsecamente, focadas enfaticamente nos resultados, a despeito dos processos, e tendo regras mais rígidas (CÔTÉ et al., 2009). Por mais que existam estudos que sustentem, em especial em algumas modalidades esportivas individuais, que a especialização precoce pode ser positiva, diversos estudos da psicologia têm sustentado que tal processo pode acarretar um abandono precoce da modalidade esportiva(CÔTÉ et al., 2009).



De acordo com Côtê et al. (2009), a iniciação universal dará conta de construir as bases motoras e cognitivas para que os adolescentes, na faixa etária dos 13 anos, tenham a oportunidade de escolher em qual modalidade esportiva pretendem se especializar ou mesmo continuar sua prática esportiva como lazer. No Brasil, percebemos, entre os atletas pesquisados, que era comum que eles praticassem outra modalidade esportiva, ainda que não sistematicamente. Do ponto de vista da prática sistemática, no entanto, apenas 14% dos atletas participavam de outra modalidade esportiva. Quando comparados à Suécia, em que 42% dos atletas praticavam outros esportes também sistematicamente, notamos a diferença e o incentivo à diversificação das práticas e a não especialização precoce em uma única modalidade esportiva. Notamos que essa seria uma das diferenças entre o handebol no Brasil e na Suécia. Conforme indicam Greco e Benda (1998), nos estágios de transição, em especial nas fases de orientação (entre 12 e 14 anos) e de direção (entre 14 e 16 anos), nas quais os jovens começam a aprender a automatização dos movimentos das modalidades esportivas e os conceitos táticos específicos de cada esporte, seria importante que eles participassem de duas ou três modalidades esportivas. Segundo os autores, essa é uma recomendação, mesmo com o início do aperfeiçoamento e a especialização, em especial, se as modalidades esportivas forem complementares e suas práticas transferíveis (BAYER, 1994; GRECO; BENDA, 1998).

**Tabela 3** – Experiências anteriores à prática de handebol

	<b>Praticava vários tipos de esporte fora da escola sem compromisso</b>	<b>Brincava de jogar bola com os pés na rua (praça, rua, quadras, campinhos)</b>	<b>Praticava vários tipos de esporte nas aulas de Educação Física Escolar</b>	<b>Praticava outro tipo de esporte sistematicamente</b>
Brasil	36%	7%	43%	14%
Suécia	50%	0%	8%	42%

**Fonte:** Autoras

A proposta de Côtê et al. (2009) é que esses atletas comecem a se engajar em maior duração de treinamentos e atividades competitivas a partir dos treze anos de idade. Ao final da adolescência, com cerca de dezesseis anos, os autores defendem que os atletas se engajem numa prática de alto nível, momento no qual eles estão mais preparados para lidarem com a demanda de treino e menos propensos a abandonarem precocemente a prática esportiva. A argumentação dos autores pode ser considerada a partir da idade de federação dos atletas. Percebemos que no Brasil, a média de federação desses atletas é 14



anos. A Suécia, apesar de ingressar mais precocemente na prática sistemática de handebol, promove à federação um pouco mais tarde, com uma média de 15,3 anos.

**Tabela 4** – Idade em que se constitui o vínculo do jogador a uma federação

	<b>Menor idade</b>	<b>Maior Idade</b>	<b>Mediana</b>	<b>Idade Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Quantidade de anos como federado</b>
Brasil	12	16	14	14,07	0,5	4,74
Suécia	6	18	16	15,3	0,96	5,03
Diferença				1,23		0,29

**Fonte:** Autoras

Quando comparado a outras modalidades, como futsal e futebol de campo, notamos que esse quadro se repete. No caso do futsal, a média de idade de vínculo com a federação é 12,44 anos ( $\pm 4,41$ ) (SANTANA et al., 2007) e do futebol de campo é 12,41 anos ( $\pm 2,56$ ) (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Essa idade de vinculação à federação tem a ver com o surgimento das competições nas categorias mais jovens e converge com o recomendado pela literatura científica, como demonstra o artigo de Arena e Böhme (2004). Segundo as autoras, a idade do início das competições de handebol no Brasil é a mirim, dos 11-12 anos, infantil, dos 13-14 anos; cadete, 15-16 anos; juvenil, 17-18 anos. Entretanto, as autoras fazem uma ressalva quanto à categoria mirim, que poderia ter uma consequência negativa, já que

o fato de as federações promoverem um sistema de competição para as primeiras categorias de menores (10-12 anos ou menos) à imagem das formas de competição de faixas etárias maiores (14-18 anos), ou até do esporte de alto nível, propicia que as entidades federadas necessitem preparar os jovens participantes, de um a dois anos antes do início da atividade competitiva. Isso leva a uma idade de especialização no esporte, anterior à preconizada na literatura. (ARENA; BÖHME, 2004, p. 47).

Apesar de a prática das competições de handebol começar numa idade em que a criança/ jovem já está conhecendo as modalidades esportivas sistematizadas, a forma como essas competições são realizadas deveria ser repensada, visando uma maior adaptação às demandas e possibilidades de seus sujeitos praticantes (GRECO; BENDA, 1998; DE ROSE JUNIOR, 2002; ARENA; BÖHME, 2004). Dentre os aspectos a serem revistos, Arena e Böhme (2004) destacam “as poucas adaptações, sistemas de competição e calendários similares para todas as categorias menores, nível de competitividade e custos elevados aos participantes” (p. 49). Outro aspecto ressaltado é que se na idade de 10 a 12 anos já se exige



das crianças desempenhos que as tornem competitivas, para atingi-lo, é necessária uma preparação anterior a essa faixa etária, o que acarretaria numa especialização precoce.

A consequência é que estudos apontam que a especialização precoce faz com que o pico de performance seja atingido mais precocemente e dure menos (CÔTÉ et al., 2009). Além disso, podem aumentar o *burn out* e a incidência de lesões nos atletas jovens. Os autores mencionam dois estudos que sugerem que a especialização precoce não promove um ambiente para o envolvimento esportivo e participação vitoriosa de jovens atletas (CÔTÉ et al., 2009).

Nesse sentido, nos parece interessantes os apontamentos de Arena e Böhme (2004) sobre as competições esportivas nessa faixa etária. Evidentemente aqui não queremos dizer que elas não devam ocorrer de forma alguma. Pelo contrário, elas também cumprem um papel de motivação, mas elas têm que ser refletidas para não causarem o efeito inverso. Segundo Arena e Böhme (2004, p. 49), “resultados competitivos positivos em categorias menores, principalmente nas primeiras, não asseguram a manutenção dos mesmos até a idade ou categoria adulta, principalmente se estes forem alcançados antes do período pubertário”.

Visando que não ocorra o abandono precoce, as autoras sugerem a realização de competições nas formas de festivais, podendo ser realizados pelas escolas de esportes, em períodos mais curtos, poliesportivos, e com diferentes formas de premiação, para incluir mais pessoas, de modo que:

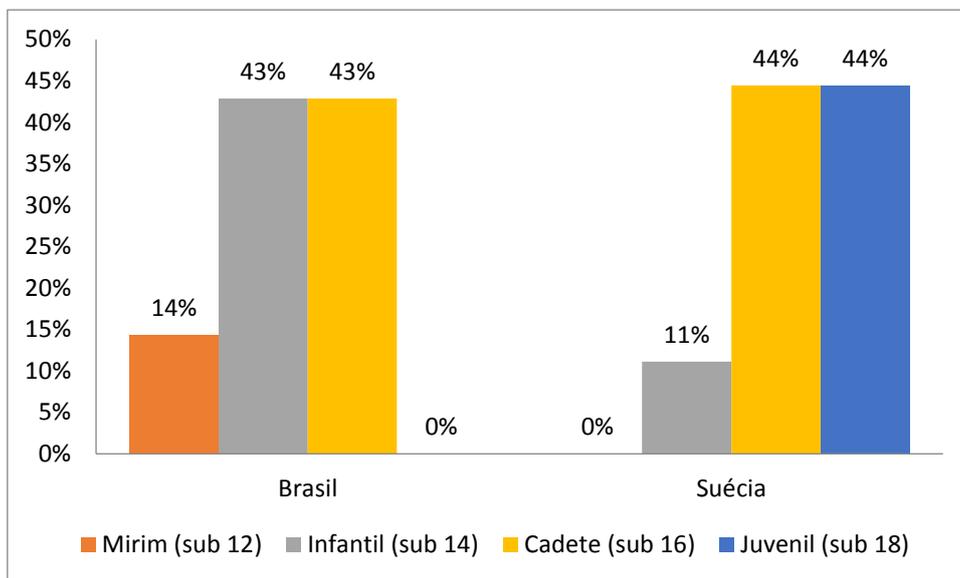
Os resultados dependem de vários competidores, ou seja, consiste em um sistema de disputa por pontuação de várias modalidades esportivas. Tal sistema permite a participação de um número maior de participantes, estimulam a prática poliesportiva, não exalta apenas um único campeão e favorece mais premiações. (ARENA; BÖHME, 2004, p. 49).

Conforme demonstra a Figura 2, embora ambos os países estejam federando seus atletas na idade sugerida pela literatura, notamos a diferença entre os momentos de estabelecimento do vínculo federativo entre Brasil e Suécia. Enquanto no Brasil, o estabelecimento desse vínculo se concentra entre as categorias infantil e cadete, na Suécia, ele se estabelece principalmente entre as categorias cadete e juvenil, demonstrando uma tendência a consolidar tal vínculo mais tardiamente. Ao que parece, essas diferenças no estabelecimento do vínculo com a federação denotam diferenças quanto à organização dos



campeonatos das categorias de base na Suécia, onde o incentivo para os campeonatos organizados pela federação aparenta existir a partir do infantil.<sup>2</sup>

**Figura 2** – Estabelecimento do vínculo federativo no Brasil e na Suécia



**Fonte:** Autoras

Quanto ao início da prática, destaca-se também a diferença de experiências que tornaram a prática do handebol viável. No Brasil, a prática sistematicamente começa nas escolas, seja na aula de educação física escolar ou no contra turno. Esses ambientes são responsáveis por 71% dos atletas começarem a praticar o handebol. Tal fato se contrapõe a experiência sueca, em que 75% começam a praticar em clubes – sejam eles de lazer ou de competição<sup>3</sup>. No Brasil, apenas 21% começam em clubes. Essa diferença talvez se explique, no Brasil, pela possível escassez de locais específicos de prática de handebol, em especial se comparado ao futebol. Quando comparamos com os dados de outras pesquisas sobre o futebol no Brasil, percebemos que entre homens, a rua é o principal local de iniciação ao futebol (54,8%), mas a ‘escolinha’ de futebol/futsal é o local evidente do início dos treinos, sendo responsável por iniciarem 33,9% dos atletas nessa modalidade (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Entretanto, quando comparamos ao futsal feminino, apenas 11,6% das paranaenses iniciaram em escolinhas de futsal (SANTANA; REIS,

<sup>2</sup> Isso não quer dizer que não haja outras formas competitivas. Pois, em entrevista que uma das autoras realizou com um dirigente da Federação Sueca de Handebol, em 2010, esta obteve a informação que a federação promove vários festivais nas idades em que as crianças não são ainda federadas.

<sup>3</sup>Segundo informações obtidas na Federação Sueca por uma das autoras em 2010, a mesma é responsável por promover as práticas de handebol nesses ambientes, por meio da capacitação do profissional, disponibilização de material e promoção de festivais.



2003) e 6,25% das mineiras(MARTINS, 2013). A comparação é interessante para demonstrar que a ausência de espaços de educação<sup>4</sup> não formais relacionados à prática da modalidade é sintomática também para outras modalidades esportivas além do futebol de homens.

**Tabela 5** – Local do início da prática de Handebol

	<b>Aulas de Educação Física Escolar</b>	<b>Treinos de handebol na escola</b>	<b>Aulas de Handebol em Clube</b>	<b>Equipe de competição de Clubes</b>	<b>Outros</b>
Brasil	21%	50%	7%	14%	14%
Suécia	8%	8%	25%	50%	8%

**Fonte:** Autoras

Outro aspecto que chama atenção é a importância do ambiente escolar para a iniciação na modalidade. Se 71% dos atletas brasileiros iniciaram a prática sistemática do handebol na escola, isso implica que o processo de formação dos treinadores de nossos futuros atletas deve considerar a formação dos professores de educação física da escola, não apenas o de clubes e instituições não formais.

Hallal et al.(2004) atentam para o fato de os treinadores terem um papel decisivo na permanência ou abandono da prática esportiva. Em seu estudo sobre o abandono da prática de futsal, notou-se que nas três categorias estudadas, o papel do técnico é determinante. Por isso, apontam para a necessidade de atenção aos profissionais que lidam com a prática esportiva. A proposta que busca pensar a formação pré-esportiva, das habilidades esportivas e da capacidade de jogo de forma adequada ao momento de maturação biológica e cognitiva deve ser refletida por todos os profissionais da área no Brasil, uma vez que, no que tange ao handebol pelo menos, as aulas de educação física são de suma importância para o desenvolvimento desse esporte e dos futuros atletas. Mais do que isso ainda, é fundamental que os professores estejam preparados para trabalhar com uma amplitude de possibilidades de modalidades esportivas, pois a ampliação do horizonte de práticas esportivas dos alunos pode ser alterada, em nosso país, se a escola cumprir essa sua vocação.

Cabe também ressaltar que, do ponto de vista das políticas públicas de ampliação do esporte de alto rendimento, é também importante a implantação de clubes de treinamento e competição de outras

<sup>4</sup> Que deve ser entendida também com a ausência de oferta. Pois, há locais em que existe o equipamento público esportivo, mas não há a oferta de atividades.



modalidades para além do futebol/futsal de homens. O caso da Suécia<sup>5</sup> demonstra a importância dessas instituições não formais de educação esportiva para a ampliação dos praticantes da modalidade, seja enquanto atletas profissionais ou praticantes do lazer. O fato de hoje já existirem competições organizadas pela federação é um apontamento nesse sentido, mas ainda incipiente, uma vez que essas equipes que disputam esses campeonatos ainda são muito concentradas em poucas cidades e regiões do Brasil.

**Tabela 6** - Remuneração dos atletas de Handebol Junior de Brasil e Suécia

	<b>Atletas que recebem remuneração</b>	<b>Atletas que declaram sobreviver apenas dessa remuneração</b>
Brasil	86%	29%
Suécia	100%	42%

**Fonte:** Autoras

Por fim, a questão da expansão da modalidade também depende de alguns condicionantes estruturais. Quando perguntados a esses jovens quais deles eram remunerados, chama a atenção que na seleção brasileira, nem todos esses atletas o eram. Além disso, apenas 29% diziam que conseguiam sobreviver apenas da remuneração e que viviam para praticar o handebol em alto rendimento. Com relação aos atletas da Suécia, além de todos serem remunerados, aproximadamente 42% relatou viver dessa remuneração. Essa questão é crucial, pois estudos apontam que um dos motivos que fazem com que os atletas abandonem a prática esportiva, tanto em âmbito nacional, quanto internacional, é a falta de patrocínio ou financiamento (HALLAL et al., 2004). Em um país como o Brasil, em que o Estado de Bem Estar Social sequer se firmou, essa questão pode ser definidora.

#### 4 Considerações finais

Esta pesquisa exploratória realizou uma comparação acerca do perfil do handebol no Brasil e na Suécia, dois países nos quais o handebol ocupa culturalmente um lugar distinto. Embora, no Brasil, tal modalidade esportiva seja considerada uma das mais populares, lugar que dividiria com o voleibol, atrás do futebol, a inexistência de clubes distribuídos por todo o país imputariam dificuldades para seu estabelecimento enquanto prática sistemática e competitiva de alto rendimento. Essa dificuldade, no

<sup>5</sup> Cabe, no entanto, salientar a importância dos espaços não formais para a prática de handebol na Suécia é equiparável ao caso brasileiro da prática de futebol, as duas modalidades esportivas mais praticadas em cada um dos países.



entanto, traz consigo implicações pedagógicas interessantes, como o fato de os praticantes atletas do handebol terem praticado diversas outras modalidades ao longo da vida e de terem se especializado na modalidade em um momento mais adequado segundo a literatura de pedagogia do esporte.

Entretanto, com elas também surgem desafios, como a necessidade de preparação dos professores de educação física da escola para a iniciação, já que a escola é o *locus* principal desse movimento. Essa tarefa foi, de alguma forma, enfrentada pela CBHb, ao consolidar os Encontros Nacionais de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras (2002 a 2012)(REIS; CASTELLANI, 2013; REIS; CASTELLANI, 2012), e no projeto ainda não realizado da “Escola Nacional de Treinadores de Handebol no Brasil”.

Sugerimos, ainda, a necessidade de desenvolvimento de pesquisas mais sistemáticas sobre o perfil e da formação de atletas no handebol no Brasil, que congreguem estudos recentes, a fim de comparar as mudanças pelas quais o handebol passou nos últimos 12 anos, buscando compreender a estrutura do handebol no cenário nacional e as estratégias de formação de atletas de alto nível atualmente, como encontro de professores, acampamento do handebol, estruturação de Ligas e Campeonatos, dentre outras. Sugerimos ainda uma nova pesquisa com as atuais seleções brasileira e sueca para identificar os membros das seleções juniores que continuam nas seleções adultas e como a continuidade de suas carreiras contribuiu para seu sucesso e permanência na modalidade, já que atualmente os que participaram desse Campeonato Mundial deveriam ser membros da seleção adulta de seu país.

## Referências

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 45–50, 2004.

BAYER, C. **O ensino dos jogos desportivos colectivos**. Paris: Vigot, 1994.

CARLI, G. C.; LUGUETTI, C. N.; RÉ, A. H. N.; BÖHME, M. T. S. Efeito da idade relativa no futebol. , 2009.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7–17, 2009.

DIESPORTE. **Diagnostico Nacional do Esporte**. Ministério do Esporte, 2013.

EHRET, A.; et al. **Manual de handebol** (Org. pela Confederação Alemã de Handebol-CAHb) São Paulo, Phorte, 2002.



GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo horizonte: UFMG, v. 1, p. 230, 1998.

GRECO, P. J.; ROMERO, J. J. F. **Manual de handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte, 2012.

HALLAL, P. C.; NASCIMENTO, R. R.; HACKBART, L.; ROMBALDI, A. J. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 3, p. 27–32, 2004.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103–119, 2009.

MARTINS, L. N. Futsal Feminino: perfil das atletas nos Jogos de Minas 2012 e implicações pedagógicas. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 5, n. 18, 2013.

MENEZES, R. P.; DOS REIS, H. H. B.; TOURINHO FILHO, H. Ensino-aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 261–273, 2015.

REIS, H. H. B.; CASTELLANI, R. M. O perfil das disciplinas de handebol das instituições de ensino superior. **Kinesis**, v. 31, n. 1, 2013.

REIS, H. H. B.; CASTELLANI, R. M. Caracterização dos cursos de handebol nas instituições de ensino superior públicas. **Conexões**, v. 10, n. 2, 2012.

DE ROSE JUNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília** v, v. 10, n. 4, p. 19–26, 2002.

SANTANA, W. C. REIS, H.H.B Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Rev. bras. ciênc. mov**, v. 11, n. 4, p. 45–50, 2003.

SANTANA, W. C.; FRANÇA, V. S.; REIS, H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz rev. educ. fis.(Impr.)**, v. 13, n. 3, p. 181–187, 2007.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 7, n. 4, p. 395–412, 2009.

### Como citar este artigo

MARTINS, M. Z.; REIS, H. H. B. Perfil dos atletas juniores de handebol das seleções brasileira e sueca. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 39, p.01-14, 2021.

\* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

